

Antropologias em Performance

Vânia Zikán Cardoso

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
E-mail: vaniazcardoso@gmail.com

O campo dos estudos de performance tem uma grande e variada produção interdisciplinar desde os anos 1970. No Brasil, esse campo de estudos ganhou mais impulso na antropologia nos anos 1990 e as produções nessa área refletem o heterogêneo leque de fontes teóricas e perspectivas disciplinares que dão forma aos estudos de performance.

É possível identificar nos estudos em performance produzidos no Brasil um conjunto de autores cuja produção teórica sobre ritos, rituais e teatro tem tido influência mais marcante nos diversos núcleos de pesquisa. Dentre esses autores, podemos destacar, notadamente, os nomes de Victor Turner, Richard Schechner e Stanley Tambiah. A influência de filósofos como Walter Benjamin e J. L. Austin é também marcante, e há um nascente interesse pelos estudos, advindos principalmente da antropologia americana, sobre linguagem e performance.

Esta última vertente é menos conhecida no Brasil, mas é, no entanto, um campo de pesquisa com grande e variada produção no exterior desde a década de 1970. Advindo da confluência de preocupações teóricas e etnográficas dos estudos de folclore, sociolinguística e antropologia, esse campo é marcado pelos trabalhos seminais de

Richard Bauman e aponta para a poética e a performance como perspectivas críticas para refletirmos sobre a linguagem e a vida social (Bauman e Briggs, 2008).

Com o crescimento do campo de estudos de performance, observa-se que o diálogo em torno da performance tem, mais recentemente, se estendido para além dos clássicos campos do teatro, da dramaturgia e da etnografia da fala para incorporar também discussões sobre a antropologia visual. Focando não somente no registro visual de eventos de performance, mas pensando a própria produção imagética como performance, essa nova área de reflexão tem contribuído teoricamente para a problematização das concepções de performance. Tais problematizações têm sido estimuladas também pelas reflexões críticas não só sobre performance, mas sobre a própria noção de performativo de J. L. Austin, desde a perspectiva de estudos de gênero e subjetividades. Esses são novos diálogos que se articulam no entorno do chamado campo de estudos de performance.

Em sua pesquisa sobre as abordagens teórico-metodológicas da noção de performance nos estudos antropológicos brasileiros nos anos 2005 e 2006, Langdon e Hartmann apontaram a necessidade do desenvolvimento de um diálogo mais explicitamente teórico e analítico que envolvesse uma reflexão sobre o próprio campo de estudos da performance (Langdon, 2008). Segundo elas, os grupos de trabalho nos congressos frequentemente se caracterizavam por apresentações de estudos de caso, apontando para a necessidade de discussões analíticas e etnográficas sobre os sentidos e as implicações dos diversos usos dos conceitos de “performance” e “performativo”.

Foi justamente com o intuito de fomentar essa reflexão, assim como alimentar um diálogo mais intenso com a rica produção teórica dos estudos de “arte verbal”, que organizamos o Colóquio Antropologias em Performance, em maio de 2009, na Universidade Federal de Santa Catarina.¹ Longe de buscar qualquer demarcação de um paradigma teórico, o Colóquio propôs um diálogo em que fosse possível refletir analiticamente sobre a complexidade de influências crítico-teóricas desse campo e explorar o potencial dos estudos de performance como perspectivas críticas para a análise da vida social

em todas as suas dimensões. O Colóquio ofereceu, então, um importante momento de articulação e discussão entre várias vertentes, abrindo um fértil terreno de diálogo internacional para esse campo de pesquisa emergente no Brasil.

Richard Bauman foi convidado como conferencista de abertura desse encontro, que reuniu outros 18 pesquisadores da antropologia, das artes cênicas e da música, cujos trabalhos se aproximavam da performance de formas bastante variadas. De fato, a própria recusa a uma identificação com a performance marcou algumas das apresentações.

A Seção Temática aqui publicada reúne uma pequena mostra da diversidade de pontos de vista, perspectivas teóricas e campos etnográficos que compuseram o Colóquio. Todos os trabalhos lá apresentados estão reunidos nos *Anais do Colóquio Antropologias em Performance* (Cardoso, 2009a). Algumas das apresentações ausentes aqui já foram publicadas anteriormente na *Ilha: Revista de Antropologia* (Cardoso, 2009b; Hartmann, 2009; Langdon, 2008) e outras estão disponíveis em outras publicações (Devos e Rocha, 2009; Gonçalves, 2009). O trabalho de Dawsey aqui publicado é distinto do que foi apresentado no Colóquio (Dawsey, 2009), mas aponta, da mesma forma, para sua longa e produtiva trajetória nos estudos de performance. De fundamental relevância para as discussões propostas pelo Colóquio é também o já clássico artigo de Bauman e Briggs, publicado em português também na *Ilha* (Bauman e Briggs, 2008).

Em seu artigo sobre vendedores de mercado no México e em Cuba, Bauman se volta para o papel da função poética na construção da eficácia dos chamados desses vendedores. Voltando-se para a poética da performance, esse artigo enfatiza as relações que ligam a forma linguística, a função social e o significado cultural. O trabalho de Bauman nos apresenta o cerne de suas reflexões ao longo de sua importante produção teórica, que é sua preocupação com a poética em ação, com a performatividade como uma maneira de fazer coisas com palavras.

Em próximo diálogo com o trabalho de Bauman, Fernando Fischman se volta para práticas pedagógicas em salas de aula de um

curso de Direito para pensar o vínculo entre a oralidade e a escrita na própria socialização profissional dos advogados. Sua análise está voltada para a dimensão estética dos processos comunicativos, e, como Bauman, Fischman está preocupado com a eficácia performativa dos eventos de fala.

Se a chamada “arte verbal” é o fio condutor desses dois artigos, John Dawsey coloca em fricção outros recortes teóricos sobre a performance. Entrelaçando Schechner, Bakhtin e Benjamin, Dawsey coloca em um palco surreal a “fábula das três raças” da nação brasileira. A performatividade aqui desvela encenações que o autor descreve poeticamente como momentos de f(r)icção, nos quais se revelam a própria movência e a inervação de corpos e máscaras em performance.

Também em diálogo com Benjamin, Scott Head nos leva a pensar sobre o papel potencial do olhar fotográfico nas reflexões e nas críticas levantadas a respeito da representação etnográfica de práticas performáticas. Buscando pensar o papel das imagens fotográficas para além de meras ilustrações contidas pelo texto etnográfico, ele apela para uma crítica teatral da etnografia e da imagem. Evocando, via Benjamin, a busca do teatro épico não de “retratar”, mas de “descobrir e situar”, Head argumenta que o olhar fotográfico é capaz de interromper não só o fluxo de ação que toma como seu foco, mas igualmente o fluir do diálogo sendo encenado entre texto e teoria a respeito da prática performática da qual tratam.

O palco e a performance tomam outras formas na medida em que José Maria da Silva nos leva para o espetáculo do boi-bumbá em Parintins. Preocupado com os elementos artísticos e as várias exposições em cena no Festival, Silva nos oferece uma cuidadosa análise de vários elementos da estrutura do evento. Suas reflexões estão guiadas por uma preocupação teórica com as experiências performativas dos vários atores em ação no Festival.

Os dois últimos artigos desse conjunto nos provocam ainda outros desvios no campo de estudos da performance. Apesar de ambos tratarem da música, Deise Lucy Montardo e Acácio Piedade nos levam por caminhos teóricos distintos. Enquanto Montardo se volta

para eventos de performance entre os guaranis das Terras Indígenas Amambaí e Pirajuy, no Mato Grosso do Sul, onde cantos são entoados e danças executadas para uma audiência de seres espirituais, Piedade toma a permanência do mito de origem da flauta e suas múltiplas transformações ao longo de tempos e contextos diversos como um ritual de longa duração. Na história do mito do fauno, que atravessa séculos, Piedade traça uma “rota”, passando de textos poéticos clássicos para a pintura, a poesia simbolista, a música impressionista e por adiante por outros caminhos afora, “migrando de uma margem da linguagem” para outra.

Em “Caminhando, cantando e dançando com os pais criadores”, Montardo nos leva de volta a Bauman, fazendo uso de sua insistência na importância dos elementos metacomunicativos que enquadram os eventos de performance. Tomando diferentes formas em contextos culturais distintos, tais elementos marcam os atos performativos. Para Montardo, a música é claramente um elemento que aciona um estado de performance entre o guarani, provocando transformações marcantes no ambiente.

Como esta breve passagem por entre os complexos argumentos colocados pelos textos aqui reunidos deixa entrever, esses artigos refletem algumas das diversas temáticas e problematizações que fomentam de maneiras distintas os estudos de performance. Em conjunto com os outros trabalhos apresentados no Colóquio, eles apontam para a própria concepção do que é a antropologia como disciplina, como seu referencial teórico e sua prática são afetados e transformados pelas questões advindas dos estudos de performance.

Nota

¹ O Colóquio Antropologias em Performance foi coordenado por Esther Jean Langdon, Luciana Hartmann e Vânia Zikán Cardoso e organizado pelo Grupo de Estudos em Oralidade e Performance (Gesto). O encontro contou com a colaboração de diversos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da UFSC, em particular América Larrain e Carlos Cardenas, e com o apoio da Fapesc, do Instituto Brasil Plural e da UFSC (PPGAS, PRPG e CFH) para sua realização. O programa do evento e os trabalhos completos apresentados encontram-se disponíveis em: <<http://www.gestoufsc.net84.net/>>.

Referências

- BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. Tradução de Vânia Cardoso e revisão de Luciana Hartmann. *Ilha: Revista de Antropologia*, Florianópolis: Ed. UFSC, v. 8, n. 1, p. 185-229, 2008.
- CARDOSO, Vânia Zikán (Org.). *Anais do Colóquio Antropologias em Performance*. Florianópolis: Nuppe/UFSC, 2009a. Disponível em: <<http://www.gestoufsc.net84.net/>>. Acesso em: 15 nov. 2010.
- _____. O espírito da performance. *Ilha: Revista de Antropologia*, Florianópolis: Ed. UFSC, v. 9, n. 2, p. 197-214, 2009b.
- DAWSEY, John. Por uma antropologia benjaminiana: repensando paradigmas do teatro dramático. *Mana*, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, v. 15, n. 2, p. 349-376, out. 2009.
- DEVOS, Rafael Victorino; ROCHA, Ana Luiza. Múltiplas narrativas: constelações de imagens e símbolos convergentes no tratamento documental de acervos audiovisuais de narrativas orais. *Sessões do Imaginário*, Rio Grande do Sul: Ed. PUCRS, v. 1, n. 22, 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/index>>. Acesso em: 15 nov. 2010.
- GONÇALVES, Marco Antônio. Encontros "encorporados" e conhecimento pelo corpo: filme e etnografia em Jean Rouch. *Devires: Cinema e Humanidades*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, v. 6, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~devires/v6n2/>>. Acesso em: 15 nov. 2010.
- HARTMANN, Luciana. A memória na pele: performances narrativas de contadores de "causos". *Ilha: Revista de Antropologia*, Florianópolis: Ed. UFSC, v. 9, n. 2, p. 215-245, 2009.
- LANGDON, Esther Jean. Performance e sua diversidade como paradigma analítico: a contribuição da abordagem de Bauman e Briggs. *Ilha: Revista de Antropologia*, Florianópolis: Ed. UFSC, v. 8, n. 1, p. 163-183, 2008.